



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A CULTURA COMO ELEMENTO DE COMPREENSÃO E O DESAFIO PEDAGÓGICO DO ENFRENTAMENTO À HOMOFOBIA NO ESPAÇO ESCOLAR

Lucio de Lima Lopes

Isabela Candeloro Campoi

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - UNESPAR

CAMPUS DE PARANAÍ

PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

EM FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR

ppifor.fafipa@gmail.com

RESUMO

Temos, no presente texto, uma proposta de raciocínio sobre a problemática da relação entre Cultura e Homossexualidade/Homofobia, a fim de compreender a extensão de sua complexidade. Ao mesmo tempo, com esse texto temos a pretensão de fazer um convite à reflexão sobre a elaboração de ações pedagógicas de enfrentamento da Homofobia a partir do espaço escolar. “A homofobia mata” não é apenas um mote para expressar as consequências de um preconceito enraizado em nossa Cultura, de fato, ela ceifa vidas e é urgente que a educação contribua para sua mitigação.

Palavras-Chave: Reflexão, Cultura, Homossexualidade, Homofobia, Escola.

1 INTRODUÇÃO

Há apenas pouco mais de duas décadas que a Homossexualidade passou a ser encarada por vários segmentos das ciências como um “fenômeno” humano natural e, portanto, não mais entendido como “doença, nem distúrbio e nem perversão”, conforme está estabelecido na Resolução CFP nº 001/99 que regula o trabalho dos psicólogos no Brasil. Vale lembrar que o Brasil, por meio do Conselho Federal de Psicologia, deixou de considerar



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

a orientação sexual como doença ainda em 1985, antes mesmo da resolução da OMS – Organização Mundial de Saúde.

Entendimento esse, acolhido por várias organizações internacionais de saúde como, por exemplo, a já referida OMS que no dia 17 de maio de 1990, em Assembleia-geral, retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais, a Classificação Internacional de Doenças (CID). A decisão também eliminou o uso do sufixo ‘ismo’, desvinculando a orientação sexual da ideia de enfermidade. A data é tão memorável que passou a marcar o Dia Internacional de Combate à Homofobia.

Apenas para ilustrarmos a realidade dos efeitos dessa decisão, lembramos que afetou até mesmo o entendimento religioso da Igreja Católica em sua “Moral Sexual” sobre o tema antes “Homossexualismo”, agora “Homossexualidade”, quando abordando o mesmo em seu “Catecismo da Igreja Católica” sentencia que “[...] Não são eles que escolhem sua condição homossexual [...]” (1993, p. 531 – 2358). Esse reconhecimento pode ser tomado como um avanço considerável para uma instituição que sempre alimentou no imaginário cultural a degradação moral, biológica e espiritual dos sujeitos LGBT sustentada em passagens das Sagradas Escrituras.

Quando tratamos de sujeitos LGBT é muito importante ressaltarmos quem são esses sujeitos de fato, que sempre estiveram silenciados e escondidos na sociedade brasileira e que com o advento do avanço da implementação dos Direitos Humanos, em nossos tempos, têm sido colocados em visibilidade pública nos contextos concretos de nosso cotidiano.

Essa sigla LGBT mais frequentemente utilizada, por ser de fácil verbalização, compõe uma sigla política atualmente mais ampla e mais complexa que seria LGBTTIS, que comporia os seguintes sujeitos: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Intersexuais, sendo que o “S” pode ser substituído pela letra “A” de Asexuais ou ainda acrescido a Letra “Q” de Queer que não é muito comum, porém é utilizada em alguns países e por alguns grupos do movimento gay no Brasil; lembrando que a sigla comporta sujeitos não apenas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

homossexuais, mas de diferentes matizes dentro da diversidade sexual compreendendo gênero, identidade sexual e orientação sexual.

Como podemos constatar, a referida degradação humana perpassa não apenas a patologização da sexualidade no âmbito da clinicalização médica mas, de forma imaginária cultural, de clinicalização dos sujeitos LGBT na sociedade brasileira onde são identificados pelos conhecimentos, popular e religioso, como “pervertidos sexuais”, “transtornados mentais”, ou ainda simplesmente, “doentes”, “pecadores”, inimigos de Deus.

Aqui nos interessa diretamente essa segunda “clinicalização”, ou seja, da homossexualidade em nosso contexto sócio-cultural. Obviamente, que para entendê-la, urge uma compreensão relativa em relação ao processo que nos possibilitou um tratamento novo acerca dessa temática da Homossexualidade, na Sociedade nessas últimas décadas, pelo tratamento político que se tem dado ao problema da homofobia.

2. A relação Cultura e Homofobia

A construção histórico social que possibilitou a proliferação de discursos sobre a sexualidade e a nítida distinção entre os conceitos Heterossexualidade e Homossexualidade deu-se pelo esforço monumental de médicos, filósofos, moralistas, pensadores e outros, no sentido de construir classificações de sujeitos e de práticas sexuais determinando o que seria ou não “normal”, “adequado”, “sadio”. Esse investimento todo visando a manutenção da lógica que supõe que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais é que reforçou a chamada Cultura Homofóbica que está latente no cotidiano da sociedade expressando-se visivelmente no espaço escolar (LOURO, 2009)

Para compreendermos a questão referente ao papel da educação no enfrentamento à Homofobia é necessário que recorramos a algumas reflexões sobre o papel da cultura frente a essa problemática. De acordo com Laraia (2001, p.29) nem um Homem nasce humanizado e é apenas na Cultura, por meio de seus jogos simbólicos, que esse mesmo homem poderia



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

humanizar-se...”(...) Homo torna-se “humano” somente quando é “introduzido” e “participa” da cultura.

Ora, nessa perspectiva podemos dizer que tanto a passagem do Primata para Homem quanto do Homem para a prática da Cultura e da Cultura para a possibilidade do Humanizar-se, ocorreu de forma extremamente lenta, como atesta o próprio Laraia (2001, p.30) ao dizer que, “ o salto da natureza para a cultura foi contínuo e incrivelmente lento”. Ou ainda, podemos dizer de acordo com nossa interpretação de Petronilha (2006), que a Cultura inserida no multiculturalismo ou convívio plural é marcada por jogos simbólicos pautando nossas diferenças, que, em muitos casos são jogos de forças capazes de inferiorizar para construir hegemonias superiores, alimentando assim preconceitos e discriminações contra segmentos populacionais da sociedade.

É nesse jogo de símbolos culturais, no qual o Homem está inserido, que podemos entender a Cultura como potencialmente capaz de Humanizar em muitos aspectos e ao mesmo tempo, ser potencialmente desumanizadora. Uma vez que é a Cultura que possibilita a nossa visão específica do mundo, as nossas valorações e juízos morais, nossos comportamentos sociais, a forma como nos relacionamos com nossos corpos, enfim, aqueles elementos todos que perfazem o *Modus operandi* de uma determinada cultura. PETRONILHA (2006) nos lembra que só podemos interferir nessas “políticas de significados” culturais se formos capazes de compreendermos os contextos socio-históricos onde estão inseridos esses símbolos culturais.

Assim é que ao tratarmos do tema Homofobia pressupõe-se que o tratemos dentro dos jogos simbólicos de nossa Cultura e, a Homofobia decorre desses jogos que tornam latentes em nossas percepções os conflitos entre reprodução e sexualidade, ou ainda a sexualidade relacionada ao prazer, numa perspectiva que alcance o encontro de corpos afetivamente relacionados de forma “hetero” ou “homo”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

E, portanto, se ao tratarmos da Homofobia nessa perspectiva dos jogos simbólicos é nos lançarmos ao cuidado perceptivo de que estamos tratando de construções sociais e ao mesmo tempo culturais, urge que também não nos esqueçamos do fato de que o ato de educar nunca é neutro senão que guarda sempre uma intencionalidade e mesmo que não tenhamos a consciência disso, todo ato de educar pressupõe uma teoria que o fundamenta.

É nesse sentido que lembramos então ser a educação permeada de atos políticos intencionados em meio a uma série de conflitos que pressupõe decisões, escolhas, saberes, significados, métodos, materiais didáticos, teorias, etc. Sendo assim, urge ainda lembrarmos que a Homofobia enquanto tema de atualidade a ser abordado na escola exige uma clareza em relação a essa intencionalidade do ato de educar se queremos, de fato, desconstruir os símbolos culturais que alimentam e sustentam as práticas perversas, ilógicas, descaracterizadas da humanidade, contra os sujeitos LGBT na sociedade brasileira.

Poderíamos afirmar que a escola é o lugar privilegiado para a desconstrução da Cultura Homofóbica e de outros elementos culturais negadores da dignidade humana para muitos segmentos populacionais da sociedade como crianças, jovens e adolescentes, pobres, idosos, indígenas, negros, mulheres, e outros... Não apenas para a desconstrução dos elementos culturais negadores dessa dignidade senão que também um espaço privilegiado para a formação política no sentido mesmo de forjar a luta por conquistas de direitos humanos historicamente negados.

Ora, falamos de desconstrução porque estamos pensando a Cultura como um sistema socialmente construído ao longo da história humana bifurcando em inúmeras especificidades. E se é um sistema, tem uma lógica e, Laraia (p.48), por sua vez, refletindo nesse sentido, diz que esses “princípios de juízos e raciocínios” se fazem presentes nas “linguagens culturais” mesmo que em formas inconscientes nada explicitadas. Logo, precisamos fazer um grande esforço para investigar, para reordenar, questionar, enfim,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

inverter lógicas viciadas, silenciadas, que legitimam no núcleo da Cultura expressões desumanizadoras, tais quais, aquelas que abarcam a Homofobia.

Isso só é possível porque a cultura é dinâmica, plausível de ser reordenada, reeducada. Se ela é uma construção, podemos intervir, mas sem perder a consciência de que qualquer reordenamento do curso natural da cultura leva tempo, é extremamente lento; tal qual, qualquer processo educativo; os resultados demoram a aparecer. Apenas quando atingisse maturidade plena a cultura poderia ser tomada de uma vivacidade que lhe possibilitaria inserir naturalmente esse reordenamento.

Educar é tomar consciência, e tomar consciência de algo só tem sentido se levar às intervenções que permitam práticas novas capazes de produzirem mudanças substanciais. Entendemos que esse é o papel da educação. A escola e, em particular, vislumbrando a sala de aula como espaço onde os encontros se dão em maior quantidade, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos às diferenças, e aqui em questão à Homofobia.

É, portanto, na escola, e é na sala de aula onde poderemos mais singularmente fazer esse enfrentamento. Enfrentamento que pressupõe intencionalidade. Intencionalidade que deve fazer-se presente em uma séria e aprofundada formação docente, para que tenhamos os resultados significativos quando esse embate se der na sala de aula, a fim de possibilitar que produzamos consequências transformadoras que possam abranger o pátio da escola e todas as suas dependências, que possam espalhar o germe transformador e mitigador da Homofobia nos núcleos familiares e na sociedade; construindo uma cultura mais humanizadora a partir do convívio entre os iguais em suas diferenças.

3. Conjeturas do lugar da homofobia em nossa Cultura



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A homossexualidade tem recebido em sua longa existência histórica uma diversidade de designações negativas nos imaginários social e cultural do Ocidente. De acordo com Borrillo (2009.p. 15), “crime abominável, amor pecaminoso, tendência perversa, prática infame, paixão abjeta, pecado contra a natureza, vício de Sodoma [...]” são apenas algumas dessas denominações que foram moldando e ressignificando ao longo do tempo as práticas homofóbicas contra sujeitos LGBT.

Antes de avançarmos em nossas reflexões é necessário que tenhamos uma clareza quanto ao que entendemos por homofobia. A homofobia não encontra-se dissociada de outras formas de preconceito, ao contrário, racismo, sexismo, dentre muitas outras, se encontram nas mesmas origens.

A homofobia é a atitude de hostilidade para com os homossexuais. O termo parece ter sido utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1971, mas foi somente no final dos anos 1990 que ele começou a figurar nos dicionários europeus. Embora seu primeiro elemento seja a rejeição irracional ou mesmo o ódio em relação a gays e lésbicas, a homofobia não pode ser reduzida a isso. Assim como a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, ela é uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido a sua diferença, esse outro é posto fora do universo comum dos humanos. (BORRILLO, 2009. p.15)

Veremos que a homofobia é alimentada pelas relações de poder entre os gêneros. A superioridade masculina sobre o feminino justifica culturalmente os assassinatos de mulheres como uma coisa quase que tratada como normal em nossa sociedade, e isso, em nossa contemporaneidade. Borrillo (2010. p.31) afirma que a mulher tem sido pensada como um homem incompleto e por isso inferior.

O homossexual é identificado como tendo características do feminino: os homossexuais são transgressores da natureza e da ordem vigente por serem efeminados e as lésbicas por se recusarem ao papel destinado naturalmente às mulheres. “A ordem (chamada



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

‘natural’) dos sexos determina uma ordem social em que o feminino deve ser complementar do masculino pelo viés de sua subordinação psicológica e cultural.” Em consonância a esse raciocínio, no Relatório “ASSASSINATO DE HOMOSSEXUAIS (LGBT) NO BRASIL”, Marcelo Cerqueira, presidente do Grupo Gay da Bahia, ressalta que:

“[...] Ser travesti já é um agravante de periculosidade face à intolerância machista dominante em nossa sociedade, e mesmo quando um gay é morto devido à violência doméstica ou latrocínio, é vítima do mesmo machismo cultural que leva as mulheres a serem espancadas e perder a vida pelas mãos de seus companheiros, como diz o ditado, “viado é mulher tem mais é que morrer!” (Relatório 2014 – GGB)

No contexto da gênese histórica da presença da homofobia na Cultura brasileira, precisamos considerar a tradição que remonta ao Brasil Colônia e mesmo ao Império e, desde este fator histórico, também precisamos considerar o contexto de dependência passiva diante da Metrópole e/ou Ex-Metrópole no caso de nossa situação enquanto Império, mas com o poder ainda nas mãos de portugueses e/ou de seus descendentes.

Essa dinâmica de dependência durou séculos e, ao longo do tempo, o Brasil foi assimilando todos os elementos constituintes da matriz cultural portuguesa e, esse fato, nos remete inevitavelmente a uma rápida e justa conclusão: Portugal era Católico e extremamente conservador e, por consequência, fechado para as novidades que irrompiam em grande parte da Europa e isto é falar, das conquistas e avanços científicos modernos ao lado da autoafirmação da Filosofia iluminista e da ilustração, frente ao escolasticismo.

Portanto, é lógico o raciocínio de que o Brasil vai reproduzir, por séculos, a dinâmica dos valores morais herdados do território lusitano e mesmo com o rompimento oficial, uma vez que Portugal se retirou mas, a Igreja Católica permaneceu aqui atrelada ao Estado, união essa que se desfez há apenas pouco mais de um Século e, assim, continuamos a reforçar e reproduzir esses valores morais .



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A Cultura letrada no Brasil era refém do escolasticismo e ensinada em nossas escolas por meio de práticas pedagógicas de ensino, tradicionalmente orientadas pelo sistema filosófico aristotélico-tomista, presas aos textos clássicos e sem relações crítico-reflexivas com a realidade brasileira, além de ser reservada para os filhos das classes sociais abastadas.

No núcleo central dos valores morais católicos/cristãos estavam as relações de poder que eram divididas em senhores e subalternos, padres e fiéis. Em meio a essas relações de poder eram construídas as discriminações por raça (cor)/ etnia, gênero, orientação sexual, condições econômicas e sociais.

Essas relações de poder moldaram a chamada cultura machista nos imaginários sociais. Essa cultura reforçava que os desvios sexuais seriam capazes de produzir desvios graves de conduta. Ainda que adultérios e/ou mesmo as relações sexuais que levassem à miscigenação eram tidos como desvios, masturbação e a homossexualidade eram dos mais graves.

Esse raciocínio é compartilhado por Borrillo (2010), para quem, a homofobia está enraizada na tradição judaico-cristã pela consolidação da cultura masculina/patriarcal. Sexo só se for para reprodução. Masturbação, com espécie errônea (bestialismo), relação sexual não natural (homossexualidade) e penetração genital que não seja vaginal (sexo oral ou anal) eram práticas inaceitáveis.

Não é difícil imaginarmos que em meio a esse contexto histórico realmente não havia espaços para relações públicas homoafetivas e que essas relações fossem rechaçadas pela sociedade como sendo desviantes e, portanto, imorais; devendo ser censuradas no âmbito moral. Sabemos que homossexuais quando vítimas dos tribunais inquisitoriais da Igreja Católica, no período medievo, eram tratados sem qualquer possibilidade de clemência.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Se a sexualidade por esses fatores culturais continua sendo nos dias de hoje ainda um tabu, o que não falar então das relações homoafetivas mesmo com todos os avanços de nossa sociedade contemporânea?

Ora, a gênese histórica do ódio contra os sujeitos homossexuais estão profundamente arraigados em fundamentos moralistas ensinados dia e noite, por séculos, pelas igrejas cristãs. Um ódio alimentado culturalmente em nome de Deus contra aqueles que sempre foram vistos como doentes, depravados, desviados, inimigos de Deus, por meio de leituras das escrituras, especialmente do Velho Testamento.

Portanto, a relação entre Cultura e educação é extremamente inexorável e, se é verdade que a Homofobia é resultado de uma construção social e cultural ao longo da história, então também é fato que a homofobia encontra-se enraizada na educação e, para superá-la, urge a necessidade de esforços pedagógicos capazes de uma desconstrução de nossas categorias cognitivas.

A Homossexualidade e a Heterossexualidade precisam ser refletidas no ambiente escolar se realmente queremos essa desconstrução. A Homofobia é em grande parte alimentada pelo fato de que a pertença à heterossexualidade é normal e, portanto, esse pertencimento se dá pela adesão imediata, irrefletida pois é entendida como natural, servindo assim para identificar os “normais” de todos os espaços da sociedade.

Ora, essa construção social da normalidade nada tem de natural; centenas de tratados teológicos, enciclopédias médicas, recomendações morais, códigos e regulamentos, assim como conto de fadas, filmes e romances, foram necessários para enraizar esse sentimento no mais recôndito das consciências (Borrillo, 2010, p.106).

A Homofobia hoje precisa ser trabalhada no ambiente escolar com grande seriedade e rigor na seleção dos conteúdos que servirão para alimentar o debate. Tendo a consciência de que o que está posto atualmente não é mais a problemática das origens e causas da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

homossexualidade, o que precisamos problematizar hoje é o porquê da perpetuação de práticas sociais que visam hostilizar os sujeitos LGBT.

De fato, em vez de se dedicar ao estudo do comportamento homossexual, a atenção se volta agora para as razões que levaram essa forma de sexualidade a ser considerada, no passado, desviante. Esse deslocamento do objeto de análise sobre a homofobia produz uma mudança tanto epistemológica quanto política. Epistemológica porque não se trata exatamente de conhecer ou compreender a origem e o funcionamento da homossexualidade, mas sim de analisar a hostilidade provocada por essa forma específica de orientação sexual. Política porque não é mais a questão homossexual, mas a homofobia que merece, a partir de agora, uma problematização particular. Quer se trate de uma escolha de vida sexual, quer se trate de uma característica estrutural do desejo erótico por pessoas do mesmo sexo, a homossexualidade deve ser considerada tão legítima quanto a heterossexualidade. (Borrillo, 2009, p.16).

A Homofobia para além de negar a visibilidade pública dos sujeitos LGBT, ou seja, do direito de existir sem serem hostilizados, implica em outras formas de violências como a negação de direitos civis; a própria hostilização que se dá por meio de discriminações verbais seja por ataques com palavras conotativas provocando prejuízos psicoafetivos, podendo chegar à agressões físicas.

De acordo com o “Relatório 2014: assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil”, do GGB - Grupo Gay da Bahia, organização não governamental - ONG – que registra e disponibiliza esses relatórios anualmente por mais de uma década, demonstra que nossa tarefa de enfrentamento à homofobia continua imenso. O ódio homofóbico provocou em 2014, 326 mortes de gays, travestis e lésbicas no Brasil, incluindo 9 suicídios. Um assassinato a cada 27 horas. Um aumento de 4,1% em relação ao ano anterior (313).

Esses números não devem ser considerados fora da possibilidade de uma subnotificação desses crimes, pois, possivelmente tendem a ser muito maiores. No entanto, servem para que possamos ter a dimensão da gravidade do problema. Quais são então os



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desafios para que possamos vislumbrar, a longo prazo, uma mudança desse cenário que coloca o Brasil como um dos países que mais matam homossexuais?

Para o antropólogo e decano do movimento lgbt, Luiz Mott, “há quatro soluções emergenciais para a erradicação dos crimes homofóbicos: educação sexual para ensinar aos jovens e à população em geral o respeito aos direitos humanos dos homossexuais; aprovação de leis afirmativas que garantam a cidadania plena da população LGBT, equiparando a homofobia e transfobia ao crime de racismo; exigir que a Polícia e Justiça investiguem e punam com toda severidade os crimes homo/transfóbicos e finalmente, que os próprios gays, lésbicas e Trans evitem situações de risco, não levando desconhecidos para casa e acertando previamente todos os detalhes da relação. A certeza da impunidade e o estereótipo do gay como fraco, indefeso, estimulam a ação dos assassinos.” (Relatório 2014 – GGB)

4. CONCLUSÃO

Em suma, em referência a tudo o que aqui foi exposto, fica uma certeza, a educação sexual é uma urgência nos espaços escolares se queremos, de fato, mitigarmos a violência que nesses espaços é latente em decorrência de variadas formas de preconceitos e discriminações, dentre as quais, encontra-se a homofobia. Educação sexual ainda é um tabu tanto dentro de nossas escolas como fora delas.

A escola não pode ignorar esse seu papel extremamente relevante quanto à formação de uma juventude mais esclarecida em relação à sexualidade e à diversidade com a qual ela é composta. Compreender a própria sexualidade é um primeiro passo para que sejamos, de fato, capazes de respeitar o diferente dentro de relações sociais de profundo respeito e promoção do outro.

O elemento Cultural, exige de nós, maior estudo para maior compreensão desses fenômenos de preconceitos e discriminações presentes na sociedade e, que, perpetuam relações de poder colocadas de forma hierárquica. Impossível pensar a homofobia fora das relações de poder entre os gêneros masculino e feminino em nossa cultura ocidental.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Impossível pensar o racismo, o sexismo, o xenofobismo, a intolerância religiosa, fora do contexto cultural.

Enfrentar a homofobia implica em enfrentar a cultura machista, desconstruir suas estruturas e demonstrar é que é possível viver sob outras estruturas culturais mais humanizadoras. E essa tarefa passa pelo esforço epistemológico e cognitivo, passa pela educação.

REFERÊNCIAS

ASSASSINATO DE HOMOSSEXUAIS (LGBT) NO BRASIL - Relatório 2014. GGB - Grupo Gay da Bahia, organização não governamental. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relate3b3rio-2014s.pdf>> Último acesso: 22.1.2015.

BORRILLO. Daniel. A homofobia. Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio / Tatiana Lionço; Debora Diniz (Organizadoras). Brasília: LetrasLivres : EdUnB, 2009.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3 ed. São Paulo: Vozes, 1993

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **O Jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e Homofobia**. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas / Rogério Diniz Junqueira (organizador). – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. PP. 85-93

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

RESOLUÇÃO CFP N° 001/99 DE 22 DE MARÇO DE 1999, do CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Disponível em:< http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf> Último acesso: 1.1.2015.